

ORACAM

FUNE BRE,

QUE DISSE O LICENCIADO ANTONIO
da Sylva, Vigario do Arrecife:

NAS EXEQVIAS

DA SERENISSIMA PRINCESA

D. ISABEL LUISA JOSEPHA,

celebradas na Misericordia da Cidade de Olinda,

aos 5. de Fevereiro de 1691.

POR MANDADO DO MARQUEZ

*de Montebello Governador da Capitania de Per-
nambuco, & suas annexas.*

OFFERECE-A A' SENHORA

D. LUISA MARIA

DE MENDOC, A, & EC, A,

Marqueza de Montebello.

(✝)

23

LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do S. Officio.

ANNO M. DC. XCI.



A' SENHORA
DONA LUISA MARIA DE
MENDOC, A, & E, A,

Marquiza de Montebello, dignissima esposa do Senhor D. Antonio Felix Machado da Sylva, & Castro, Marquez de Montebello, do Concelho de S. M. senhor, & Donatario das terras, & Concelho de entre Homem, & Cavado, & das casas de Castro, de Vasconcellos, & Barroso, & dos Solarès aellas, Alcaide mór de Mourão, Cõmendador, & Alcaide mór das cõmendas, & Villas do Casal, & Sexo, da Ordẽ de S. Bento de Aviz, & Governador de Pernambuco.

PARA a singular acção das Exequias, que o Senhor Marquez de Montebello celebrou na Igreja da Misericordia de Olinda às fau- dosas memorias da Serenissima Princeza D. Isabel Luiza Josepha, me tocou ser o Orador: julgando-se serião as razões, efficazes motivos para o sentimento; sendo q̄ a causa era mais poderosa q̄ todas as razões. E sem duvidar a quem offereceria este papel, q̄ então disse no pulpito, julguei, q̄ a V. Exc. precisamente se devia: não só pelo Assumpto ser Real, mas tam- bem, porq̄ foi V. Exc. a Autora deste grande empe- nho. Porque a obrigação de acompanhar o senhor

Marquez a V. Exc. na magoa , foi huma das razões para fahir a publico com este Monumento , que na grandesa, ostentação, & apparato com q̄ se levantou, se entendeo logo que V. Exc. influhia nelle como seu principio. E assi levou com publico applauso a gloria de ser singular entre todos os que até o presente no Brasil se levantãrão.

Como em V. Exc. erãõ tão notorias as razões deste cuidado , pelo amor com q̄ S. Alteza trãttava a V. Exc. foi facil de alcançar, q̄ obrigada V. Exc. de finesas, era impossivel descuidarse de demonstrações. Tudo o que venero em V. Exc. sãõ extremos : porque na vida de Sua Alteza soube V. Exc. introduzir na majestade amor; & na morte soube estêder o amor àlem da sepultura.

Esta só acção bastàra a fazer grande a V. Exc. quando em V. Exc. se não achassẽ tantos testemunhos de sua grandesa , nos illustres brasões de seus progenitores , dos quaes V. Exc. renova as memorias nas preeminencias de suas grandes virtudes, sendo grande , não só pelos Avós , mas por si propria. As casas illustres costumavãõ conservar as imagẽs de seus progenitores para empenho de novas admirações : V. Exc. (Excellentissima Senhora) para obrar acções dignas da fama, basta ter-se a si comfigo. Por esta rasião se modéra a penna, não escrevendo elogios da nobilissima Familia, & Casa de Vossa Exc. & porque o breve deste papel não permite,

que

que usurpe as honras, que se devem só às Historias.

Resta-me só pedir a V. Exc. ponha os olhos nestes sentimentos, que préguei em Pernambuco : que se pela obra não merecem atenções tão illustres, pela materia estão pedindo venerações muito relevantes . E se ao mundo constar que V. Exc. lhe poz os olhos ; espero, que nelles se empreguem as vistas de todos . A illustre pessoa de V. Exc. guarde o Ceo com as felicidades, que V. Exc. merece.

Cappellão de V. Exceílencia

ANTONIO DA SYLVA.



A' MORTE DA SERENISSIMA SENHORA
Princesa de Portugal.

S O N E T O.

LA pompa, y los alientos muestra ufanos
La Princesa del campo esclarecida,
Mas siente a pocos passos de nacida
Breve la pompa, y los alientos vanos.
Nace la Aurora en rayos soberanos
Del ilustre solar ennoblecida;
Mas luego por el Cielo conuida
Desparece en sus nacares tempranos.
Oh como apenas se concede un hora
A la beldad! que poca vida encierra!
Y aun quando prodigios athezora!
Ser prodigio es la causa, que os destierra;
Y así subís al Cielo como Aurora
Si como flor caísteis en la tierra.



A MORTE DA SERENISSIMA SENHORA
Princesa de Portugal.

SONETO.

NACE la Rosa, quando ya blazona
De flores Reyna, en purpura vestida:
Porque el honor, con que se ve nacida,
Aun siendo infante, le ofreció corona.

Oh muerta Infante, Rosa te pregoná
El mundo; si a tus meritos devida
La corona faltó, logra ceñida,
No la que el mundo, la que el Cielo abona.

Reyna en el Cielo, y brilla enthronizada;
Pues quitando el triunfo al mismo suelo,
Hizo el Cielo tu dicha anticipada:

Zeloso el mundo sienta el desconuelo;
Pues no fuiste en el mundo coronada,
Porque te quizo coronar el Cielo.



EXEQUIAS DA SERENISSIMA SENHORA
Princesa de Portugal celebradas em Pernambuco.

SONETO.

ESTA pompa, que ves, ninguem ignora
Ser thesouro Real, ó caminhante,
Da perola melhor, melhor diamante,
Que o Sol criàra, & produzira a Aurora.
Penhores são de huma Alma triunfadora
Que ao Ceo subio, em perfeições brilhante;
Prendas da fermosura de huma Infante,
Que o mundo admira, & Portugal adora.
Supposto em cinza fosse redusida,
Se lagrymas, & ardores podem tanto,
Que a diamantes, & perolas daõ vida:
Renace em nosso amor com novo espanto;
Que para em nosso amor ser renacida,
Tem incendios o peito, os olhos pranto.



NO EXCELLENTISSIMO SENHOR
Marquez de Montebello nas majestosas Exequias, que fez à
Serenissima Senhora Princeza de Portugal.

SONETO.

DOS montes con grandeza relevante
Empeñan de la Fama la energia,
Flores el Pindo sustiniendo al dia,
Cargando estrellas a la noche Atlante.

Vos tambien Monte Bello semejante
A los dos, aunque en rara jerarchia;
A quien vuestra obediencia sustenia,
Tomais a cargo en vuestra pena amante.

Oy vuestro amor, vuestra obediencia llora
En urna funeral la Infante Bella,
Que de la tierra, ya en el Cielo mora.

Y ansi mostrais tener a cargo aquella,
Que el Cielo estima, y que la tierra adora
Flor en la vida, y en la muerte Estrella.



A SENHORA D. LUISA DE MENDOC, A,
Eça, Marquiza de Monte-Bello, &c. pelo tumulo que em
Pernambuco em seu nome erigio o Senhor Marquez á
Serenissima Princeza D. Isabel Luisa Josepha.

S O N E T O.

A TERRA, o mar, o Ceo, a noite escura;
Redendo à vossa magoa o seu cuidado,
No tumulo, que erguestes sublimado,
Servirão de lisonja à dor mais pura;
A terra deu os montes para a altura,
Para esmaltes a prata o mar salgado,
Para as tochas a luz o Ceo tem dado
Deu para o mais a noite a cobertura;
Despem-se com rasoão, nesta tristesa
A terra, o mar, o Ceo, a noite escaça,
Porque na morte de Isabel illustre
Tudo perdeu o ser, tudo a grandesa;
A terra o mais sublime, o mar a graça,
A noite a cor, o Ceo todo seu lustre.



VENI DE LIBANO SPONSA MEA,
veni de Libano, veni coronaberis. Ex Cant. cap. 4.



QUEM havia de diser (ò ramo illustrissimo do tronco mais esclarecido, ò admiravel simulacro da fermosura mais peregrina, ó discrição mais soberana entre os juisos mais levantados:) quẽ havia de diser, que celebrando eu os applausos do vosso nascimento no Templo do Salvador, torne agora a prègar as lagrymas das vossas exequias na Igreja da Misericordia? Grande lastima, que viva mais quem diz os louvores, que quem os merece! Porèm estas mesmas circumstancias nos podem enxugar o pranto: porq̃ a quem teve o Salvador no berço, não podia faltar a Misericordia no tumulo. Entrastes no mundo assistida de Reys; sahistes da terra acompanhada de virgões. Esta foi a estrella, que vos dominou naquelle, & neste dia: naquelle; para serdes applaudida entre os homẽs: neste, para serdes celebrada entre os Anjos; & nestes dous concursos tão soberanos, bem se deixou venerar a vossa eleição, pois puderaõ com vosco mais as virgões para vos levar, que os Monarcas para vos attrahir. Hum, & outro dia foi de admiração ao mundo todo: o primeiro pela grandesa da materia; o segundo pelo excessõ do sentimento. Porèm, ó alma por tantos titulos gloriosa! se no Ceo vos cantão parabês as virgões, pelas virtudes com que as seguistes; permitti que na terra se oução suspiros, pela dor com que nos deixastes.

Naõ era possivel, que durassẽ muito no paço a nossa soberana Princeza: porque as mesmas prendas com que nasceo, forão as propensões para acabar. Os Anjos não tiverão mais via, que hum instante: As Estrellas não tem mais lusimen-

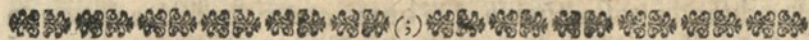
ro, que em huma noite: O Sol não dà mais passos, que em hum só dia: porque a mesma majestade no Sol, a mesma fermosura nas Estrellas, a mesma discrição nos Anjos, por secreta disposição da Providencia, logo para no termo, logo encontra o fim, logo se sepulta no occaso. Desta verdade tão mal entendida no mundo deu a rasão Salamão: *Extrema gaudii occupat luctus*. Quem na terra chegou a ser extremo para o gosto, *extrema gaudii*, logo declinou a ser defengano para o luto: *occupat luctus*. Esta mesma pensão pagaõ os montes; como nasceraõ mais altos, mais pomposos, & mais celestes, nelles se empregãõ primeiro os rayos para os desfazer: *Ferunt summos fulmina montes*.

Esta tambem foi a causa, porq̃ vendo Deos no Libano, ou na corte de Jerusalem hũa Alma adornada de perfeições singulares, logo a tirou do paço, para se desposar com ella no Ceo: *Veni de Libano sponsa mea*. Perfeições admiraveis, não se formãrãõ para a duração, compuserãõ-se para a eternidade. E assi, ò majestades, ò grandezas, ò prendas, acautelai-vos: que esses extremos com que vos sublimou a natureza, não differem do fim com que vos ameaça o tempo. Porém adverti, que se vos chama Deos: *Veni*; não he para a ruina, senãõ para o premio: não he para o estrago, senãõ para o descanso: não he para o esquecimento, senãõ para a coroa: *Coronaberis*.

Com esta vos considero, ó espirito soberano, logrando o fructo de vossas grandes virtudes nesse palacio da Divindade. Vòs fostes outra Alma do Libano, cujas perfeições singulares tanto obrigãrãõ ao Rey da Gloria, que não sò vos deu a mão de esposo: *Veni sponsa*; mas tambem vos offereceo a coroa do seu Reino: *Coronaberis*. Na terra ereis Princeza pelo estado; já agora vos venero Rainha pela coroação. Por isso vos assistiràõ no dia dos vossos desposorios, não as damas do Paço que deixastes, mas milhares de virgẽs do palacio a que subistes. E se em tão levantado, & sublime folio vos cõtemplo, bem podeis cõmeçar já a ser invocada dos nossos votos: *Votis assuesce vocari*: pedindo a essa mayor Senhora

do Ceo, & da terrá, 'que sendo Virgem foi Mãy da graça, me
assista com ella para louvar vossas virtudes, & para encare-
cer nossas saudades.

A V E M A R I A.



Veni de Libano.

SE o mesmo foi ver Deos a Alma do Libano adornada de
perfeições, & virtudes singulares, que chamalla logo do
paço para se desposar cõ ella no Ceo: *Veni de Libano sponsa;*
que admiração nos pòde causar escolher o mesmo Senhor do
palacio de Portugal a nossa soberana Princeza para ser espo-
sa sua? Na de Jerusalem resplandecião, entre os mais, tres
extremos admiraveis, por isso a chamou Deos tres vezes,
disse Casiodoro: *Per trinum, veni, trinum profectum signi-*
ficat. O primeiro era o illustre da geração, como filha do
Principe daquella corte: *Filia Principis*. O segundo, o sin-
gular da fermosura com que se fazia agradavel toda: *Tota*
pulchra. O terceiro, o sublime da discrição, com que cattiva-
va os que a ouvião: *Eloquium tuum dulce*. E se estas forão
as tres prendas, que obrigaraõ a Deos a chamar logo da corte
de Jerusalem aquella Alma: *Veni de Libano*; estes forão
tambem os tres dotes, com que enriqueceo liberalmente a
natureza à nossa Princeza. No sangue, illustrissima, como fi-
lha de tão soberano parto; na fermosura, milagre de toda a
Europa; na discrição, gala de toda a corte. Logo se huma,
& outra erão tão parecidas nas prendas, que muito, q̃ ambas
fossem bem parecidas a Deos? Este he o sentido das pala-
vras, que escolhi por assumpto, no parecer de grandes Padres;
os quaes entendem pela Princeza de Jerusalem, qualquer
alma pura, & santa, a quem offerece Deos a coroa da Glo-
ria, para a livrar dos perigos, & desgraças desta vida: *Signi-*
ficatur hic (diz Santo Augustinho, & Santo Ambrosio) *signi-*
ficatur hic evocatio anime sancte è periculis, tentationibus,
& ærumnis hujus vite ad ælestem coronam, & gloriam. E
se

Casiodor.
Cornel. in
Cant.

August.
Ambros.

se qualquer alma se figura na Princesa do Libano, com maior propriedade será neste dia huma Princesa representação de outra Princesa.

Porém, Senhor, essa he a rafaõ do nosso sentimento, por não diser da nossa queixa. De huma corte tão dilatada como a de Jerusaleem, de hum palacio tão grandioso como o de Portugal, logo escolhestes o melhor, logo lhe levastes as Princesas, & nellas a mayor soberania, a mayor fermosura, & a mayor discrição? Si, diz Deos: quero que conheção os homês, que a mayor soberania he a mais caduca; a mayor fermosura, he a mais fragil; a mayor discrição, he a mais perigosa. E assi, parecendo injusta esta ley da providencia, he justissima a providencia desta ley. Porque se o soberano durasse, se o galhardo permanecesse, se o discreto não perigasse; o humano teria cultos de divino, o mortal teria respeito de eterno, o terreno teria adorações de infinito. Pois para que não prevaleção enganõs tão mal julgados, appareça a mayor soberania, & desappareça; resplandeça a mayor fermosura, & sepulte-se; admire a mayor discrição, & eclipse-se. Por isso com repetidas experiencias nos está advertindo a mesma natureza, que aõde os extremos são mais admiraveis, ali são os perigos mais evidentes: *Quidquid ad summum pervenit, ad exitum properat*, disse Seneca. Melhor o disse Santo Ambrosio falando nesta materia: *Sæculum vos habere meruit, tenere non potuit*. Pode o mundo formar gerações illustres, adornar bellezas singulares, applaudir discrições raras; porém conservallas para a duração, não pôde: *Tenere non potuit*. E assi, a mais fiel balança para pesar o illustre das gerações, o raro das fermosuras, o singular das discrições, he o pesar com que nos deixa. Começemos pois pela nobresa.

Senec.
Ambros.

Atêgora conheciã-se as qualidades por arvores; erãõ mais sublimes as que se representavãõ em troncos mais levantados; de hoje por diante hãõ-se de medir pelos tumulos. Aquella que com mais preça corre para elle, essa com mayor preço se eleva sobre todas. Como os extremos mayores são

os que mais perigão; pela brevidade da duraçãõ se conhecem melhor os extremos mayores.

Quiz o Profeta Isaias encarecer a geraçãõ eterna, & temporal de Christo, (como diz Santo Augustinho) & reparei na causa, que apontou, para ser admiravel: *Generationem ejus quis enarrabit? quia abscissus est de terra viventium.* 1/4i. 53. A geraçãõ de Christo he tão excellente, & soberana, que só se pôde admirar, & não se pôde diser: *Quis enarrabit?* porque logo se apartou da terra dos vivos: *Quia abscissus est de terra viventium.* Meu Profeta, que dizeis? A geraçãõ de Christo não he admiravel pelos principios que teve, senão pelo pouco que durou na terra: *Quia abscissus est de terra viventium?* Referi as grandezas do Pay, & logo se conhecerá o illustre do Filho em quanto Deos; recorrei ao fangue de David, & logo declarareis a nobresa de Christo em quanto homem; porém de tudo vos esqueceis, & só falais no pouco que viveo no mundo? Si, que as gerações admiraveis não se devem declarar pelos troncos, só se devem medir pelos tumulos. Como os extremos mayores são os que mais perigão, pela brevidade da duraçãõ se conhecem melhor os extremos mayores: *Generationem ejus quis enarrabit? quia abscissus est de terra viventium.*

Com este notavel attributo quiz Deos defenganar o illustre das gerações do mundo; pois conhecendo-se tudo pelas suas causas, quer que a nobresa se conheça pelo seu fim. E para que melhor se persuadissem os homens a este defengano, poz o exemplo no mesmo Christo, em quem se medio pela brevidade da vida: *Abscissus est de terra viventium*, a nobresa da geraçãõ: *Generationem ejus quis enarrabit?*

E que mal entendo esta politica natural aquelle Juiz, q̄ condemnou a Christo à morte! Diz S. Marcos, que se admirara Pilatos de que morresse o Senhor tão cedo: *Mirabatur, si jam obiisset.* De que te admiras homem? Pões a Christo huma majestade sobre a cabeça: *Posuerunt super caput ejus, Rex Iudæorum*, & queres que viva muito? Isto não pôde ser; porque essa mesma majestade, se foi caracter para

para a nobreza, foi termo para a duração.

Oh que senão tivera o entendimento cego Pilatos, a mesma pressa com que Christo expirou, havia de ser causa para o adorar como Filho de Deos! Porque velocidades no acabar, ou se achão em gerações mais que humanas, ou se executão em majestades quasi divinas.

Marc. x5.

Esse foi o grande acerto em que rompeo o juizo do Centuriaõ. Vio a Christo expirar clamando, & logo affirmou cõ toda a verdade que era Filho de Deos: *Videns autem Centurio, quia sic clamans expirasset, ait: Verè hic homo Filius Dei erat.* Pois Centuriaõ, que viste em Christo para dizeres que he divino na geraçãõ? Viste, & ouviste tantos prodigios, que fez em sua vida, & só agora na morte lhe chamas Filho de Deos: *Verè hic homo Filius Dei erat?* Si, diz o Centuriaõ; porque pelo clamor, tinha ainda Christo forças para estender a vida; & pelo expirar, conheceo a pressa cõ que o buscava a morte; & a morte só busca com pressas a quem he divino na geraçãõ: *Verè hic homo Filius Dei erat?* He verdade, que o Centuriaõ vio a Christo obrar grandes prodigios, & grandes milagres; porẽm para conhecer o sublime da geraçãõ, pode mais a pressa da morte, que os milagres da vida. Tudo disse S. Marcos no modo com que o disse: *Videns autem Centurio, quia sic clamans expirasset, ait: Verè hic homo Filius Dei erat.* O mesmo disse Hugo Cardeal: *Hominem, & Deum confitetur Centurio, audito clamore Jesu.*

Hugo.

E he esta verdade taõ infallivel, que quando o soberano, & illustre nasce, já tras comsigo prognosticos para não durar: porque saõ tantos os titulos, as majestades, as grandezas, com que se illustraõ, que não he possível sustentar o peso dellas sem cahir. Hum só titulo que puseraõ a Christo na Cruz: *Erat titulus*, logo lhe fez inclinar a cabeça para entregar o espirito: *Inclinato capite, tradidit spiritum.*

Psal. 81.

Agora se entenderà hum difficultoso Texto de David. Dizia este Profeta grande, & grande Rey, que os mais he-
mões morriaõ, porẽm que os Principes cahiaõ: *Vos autem ju-*

cut homines moriemini, & sicut unus de principibus cadetis.
 Pois se os Principes tambem são homẽs, porque não morrem
 como os mais homẽs os Principes? Os mais haõ de morrer,
 os Principes haõ de cahir? Si; porque o peso das coroas, das
 grandezas, dos titulos, das majestades, he tão grande, q̃ dà
 com elles em terra: *Cadetis*. O que nós mais homẽs he mor-
 te pela defunião da alma, nos Principes he queda pela carga
 dos titulos. Bem se conhece esta verdade no Sol Principe
 das esferas, no qual o sepultarse nas ondas não se chama
 morrer, senão cahir: *Occidit Sol*. E se hũa só coroa, huma
 só majestade, hum só titulo basta para inquietar os Atlantes
 mais heroicos; tantas majestades, tantos titulos, tantas co-
 roas, que nos ascendentes da nossa Real Princeza concorrẽ-
 raõ para a sua formação, como em tão verdes annos a não
 farião cahir? *Cadetis*. Oh, que bem se pòde repetir agora o
 que dizia Lucano da Princeza das cidades do mundo, Roma,
 antes das guerras civis de Julio, & Pompeo! *Summisque ne-
 gatum stare diu, nimioq̃ graves sub pondere lapsus*. Esta he
 a queixa que tinha Seneca contra a fortuna dos Principes,
 & este he o engano em que vivem os Principes com a sua for-
 tuna; cuidaõ que a fortuna levanta para engrandecer, & a
 fortuna só engrandece para ver cahir: *Quidquid in altum* *Seneca.*
fortuna tulit, ruitura levat.

Esta a rasiãõ geral, porque as Altezas do mundo não du-
 raõ; porẽm na nossa inçlyta Princeza descubro outra rasiãõ
 muito particular. E he, que como foi a joya que Deos deu
 a Portugal de Reys no anno de 1669. para sustentar a espe-
 rança do Reino, & para segurar o remedio da succeçaõ que
 faltava; tanto que o Reyne se vio com o remedio seguro, &
 com a succeçaõ satisfeito com o felicissimo nascimento do
 nosso soberano Principe D. Joaõ; tornou a restituir a Deos
 a prenda que tinha recebido, E parecendo merecedora de
 lagrymas esta restituiçaõ, para Portugal he digna de accla-
 mações; porque a entregou com melhores esmaltes, & mais
 preciosos adornos, do que os com q̃ a aceitou: porque se a
 recebeo entre coroas de Monarcas, restituhio a entre pal-
 mas

mas de Virgēs: & muito mais agrada a Deos ver palmas nas mãos, que coroas nas cabeças.

Dous concursos diversos vio S. Joã, que assistiaõ no Ceo a Deos diante do throno em que estava: *Stabant ante thronum*; hum tinha nas cabeças coroas: *In capitibus coronæ aureæ*; outro tinha palmas nas mãos: *Et palmæ in manibus eorum*. Porém logo diz o Evangelista, que o das coroas as lançavão aos pés do throno: *Mittentes coronas ante thronum*; & não diz, que o das palmas as lançavão da mão. Pois se nas coroas lançadas protestavão aquelles espiritos o seu rendimento, & a sua vassallagem, porque não fazem o mesmo os que tem as palmas? Quer Deos que as palmas se cõfervem nas mãos de quem as logra, & não quer que as coroas permaneçam nas cabeças de quem as possui? Si; porque mais se agrada Deos de ver palmas nas mãos, do que de ver coroas nas cabeças: *Mittentes coronas: & palmæ in manibus eorum*. A razão natural he, porque as coroas são symbolos do poder, as palmas são anagrammas da virtude; & diante de Deos só a virtude leva a palma: *Et palmæ in manibus eorum*.

Porém, ò espirito soberano, tudo junto logastes no vosso ultimo dia: porque se da terra sahistes com a palma na mão como virgem; no Ceo se vos poz a coroa na cabeça, como a esposa; porque como no sangue illustre ereis qual a filha do Principe de Jerusalem: *Filia Principis*; do paço vos chamou Deos tambem para se desposar comvosco no Ceo: *Veni sponsa*; & para vos pôr na cabeça a coroa, q̃ não chegastes a lograr na terra: *Coronaberis*.

Não está menos longe do perigo a fermosura do que a nobresa; porque se aquella, pela grandesa, & titulos he peso q̃ faz cahir; esta, pela fragilidade he achaque que faz acabar: *Morbi, & temporis ludibrium* lhe chamou o Niffeno: zombaria das enfermidades, & do tempo. Por isso foi o mesmo ver Deos a grande fermosura da Princesa do Libano, *tota pulchra*, que chamalla logo do paço para deixar a corte: *Veni*: dando-nos a entender, que as fermosuras mais celebradas,

bradas, são para a vida mais perigosas. 6191

No principio do mundo em hum pomo poz Deos a morte: *In quocunque die comederis ex eo, morte morieris.* Pois Gen. 2, 17 no fructo de huma arvore ha de ter a morte o seu aposento? Si; que esse fructo era o mais fermoso para os olhos: *Pulchrum visu*; & aonde a fermosura resplandece, ahi he que a morte se aposenta: *Pulchrum visu: morte morieris.*

Quem havia de diser, que a morte, & a fermosura, ou tem as mesmas raizes, ou tem o mesmo tronco, ou se criaraõ no mesmo berço? Por isso, qual Jacob, & Esau, andão sempre abraços; & por isso foi esse o primeiro pomo que se colheo: *Tulit*; porque como era o mais bem parecido, havia de ser o primeiro cortado: *Tulit*. Não era possivel que durasse muito na arvore pomo, em que se esmerou a Natureza tanto: *Tulit de fructu illius.*

Com grande propriedade se chamou a primeira filha de Job Dia: *Appellavit nomen unius Diem*; porque como era Iob. 42. 14 entre todas a mais elegante, & preciosa: *In pulchritudinis gloria primas tenuit*, disse hum Expositor, ao mais precioso, & ao mais elegante só se lhe contaõ as horas, como o dia: *Appellavit Diem*. E o mesmo Texto sagrado, quando lhe quiz encarecer as perfeições, lhe cortou os lutos; porque não lhe chamou primeira, senão unica: *Nomen unius*; & ser unica na fermosura, he ser dia na duração: *Appellavit Diem*. Celad. in Ruth. c. 2. v. 9.

Muitos cuidão q̃ as fermosuras tem o seu perigo nos seus contrarios; eu creyo, que em si tem ellas os seus contrarios, & o seu perigo. Os contrarios das fermosuras são a idade, o tempo, os achaques, & a morte: & sendo qualquer destes forçoso para as abreviar, ellas mesmas são muito mais poderosas para se destruir. Não correm para a sepultura as bellas, porque as levão; correm, porque ellas se inclinão. He tal a contextura daquella admiravel symmetria, q̃ as mesmas partes, que as fazem peregrinas, as fazem mortaes.

Quem havia de diser, que no Sol as mesmas qualidades que o compõem vistoso, são os accidentes que no occaso o desmayaõ triste? O mesmo movimento que o leva ao mais

alto ponto para ser aſombro dos Aſtros, o precipita no mais inſimo tumulto para ſer cadaver das luzes.

Notavel foi o caſo que ſucedeo a Jephthe famoſo General de Iſrael: Prometteo a Deos de lhe ſacrificar a primeira couſa que encontraffe de ſua caſa, ſe tiueſſe victoria dos Ammonitas: *Quicumque primus fuerit egreſſus de foribus domus mee, ubique occurrerit revertenti, eum holocauſtum offeram Domino*. Recolhe-ſe triunfante, & no caminho lhe ſahe ao encontro correndo a filha unica que tinha: *Occurrit ei unigenita filia*. Pois de tudo quanto Jephthe tinha em ſua caſa, logo a filha foi a primeira que correo para o ſacrificio? Si; porque como era fermosiffima (como diz Joſepho) & unica, como diz o Texto, as meſmas prendas a arrebataraõ para a morte: *Occurrit ei unigenita filia*. Não foi neceſſario que os contrarios a leuaſſem ao fim; por ſer unica na fermofura a conduſio ao tumulto: *Occurrit*. Aſſi como o illuſtre cahe pelo peſo das grandezas, q̃ o inclina; aſſi o gentil perece pela fragilidade das perfeições que o arrebatam: *Occurrit ei unigenita filia*.

Até no Ceo parece que ſe experimentou eſta verdade: porque havendo de encarnar, & morrer huma das tres Divinas Peſſoas, o Filho foi o que ſe fez homem: *Verbum caro factum eſt*. Pois porque mais o Filho que o Pay, ou o Eſpírito Santo? Eſta duvida levantou hum grande engenho, que hoje illuſtra o Brazil, & deu raaõ que ſatisfez a todos; eu direi o que deu a entender David. Diſſe que o Filho he a fermofura do Pay: *Species decòris ejus*, & aonde reſplandece a fermofura, ahi ſe ata a mortalidade. E para concluir o meu pensamento, reparem no que diz o meſmo David. Affirmou, que o Verbo Divino por inclinaçõ ſe fiſera homem: *Inclinavit celos, & descendit*; porque a fermofura por ſi ſe inclina a ſer mortal: *Inclinavit celos*.

E ſe no folio mais alto da meſma divindade teve lugar eſta inclinaçõ tão terribel; como a deixaria de ter no docel mais ſublime da meſma fermofura?

Oh extremos do mundo, ò gentileſas da terra! Não vos deſva-

Judic. II,
31.

Ibid. 34.

Villavocel,
in Jud. c.
II.

Ioann. I.

Pſal. 17.
10.

desvaneca a primavera dos annos , não vos engane o lufido da pompa, não vos engrandeça o singular das prendas: porque nessas prendas, nessa pompa, & nessa primavera se diffimula, se esconde, & se disfarça o voffo perigo, o voffo desmayo, & o voffo eclipse. Entre as rosas infensiveis, dizem, que se esconde o aspid, que dà morte a quem as contempla: porèm entre as rosas animadas occulta-se a mesma inclinação, que lhe corta, & lhe incurta a vida. Por isso Seneca lhe chamou, ou dom de breve tempo, ou bem de pouca dura: *Exigui donum breve temporis, celeri pede laberis.*

Seneca.

Porèm o que no nosso caso me admira, não he a pressa cõ que as fermosuras pendem para o tumulo: o que nos deve admirar a todos, he que essa mesma inclinação que em todas he desgraça, na nossa Real Princeza parece que foi eleição: porque muito antes que os Medicos lhe mandassem applicar o santo Sacramento da Unção, ella o pedio, & com summa reverencia, & devoção o recebeu a 7. de Outubro faltando-nos aos 21. do mesmo mez. Oh raro desprego da vida! Oh singular conhecimento da morte! Tão unida com Deos estava aquella alma, tão defenganado das grandezas estava aquelle espirito, que quiz fosse eleição da sua vontade, o que em todos costuma ser advertencia dos que assistem. Na doença guardou sempre o conselho dos Medicos para a faude; para a salvação não aguardou dos Medicos o conselho. Como aquelle Sacramento he o primeiro final da morte, quiz que devesse Deos à sua eleição aquelle ultimo defengano da vida.

Diz S. João que Christo duas vezes se dera a conhecer no Horto aos ministros de sua prisão: *Iterum ergo interrogavit eos: quem queritis? Ego sum.* E que entãõ prenderaõ ao Senhor: *Comprehenderunt Iesum.* Pois isto como pôde ser? Se Judas tinha dado sinal para a prisão: *Quemcumque osculatus fuero, ipse est, tenete eum;* porque não prendem os ministros a Christo depois do sinal de Judas, senãõ depois que elle se deu a conhecer? Oh fineza singular de Christo para com os homẽs! A prisão em Christo era o primeiro si-

Ioan. 18.

7.
Ibid. 12.

Matib. 16.

43.

nal da morte: & esse o ultimo defengano da vida; quiz Christo que lho devessem os homẽs a elle, & não a outrem: *Ego sum.*

Oh rara, & singular fermosura da terra! Sò vòs soubestes imitar a mayor fermosura do Ceo; pois fifestes por Christo no fim da vossa vida, o que Christo fez por todos os homẽs no principio da sua morte. No principio de sua morte Christo não esperou que o prendessem, elle mesmo se offereceo para dar a vida: *Ego sum.* E vòs no fim de vossa vida, não esperastes que vos defenganassem, vòs vos defenganastes, pedindo o Sacramento. Neste defengano me parecestes o Sol da fermosura; porque, como Sol, conhecestes o vòsso occaso: *Sol cognovit occasum suum.* Com esta ultima fineza soubestes adornar a vossa fermosura com tanta graça, que o mesmo Deos vos chamou fermosa de todo: *Tota pubbra;* & por isso vos tirou do paço com tanta pressa, *veni,* para vos dar a coroa do seu Reino no Ceo: *Coronaberis.*

*Psal. 103.
19.*

E se as nobresas, & se as fermosuras tem em si o perigo para não durar; a discrição que segurança pòde ter para persistir? Esta he a prenda mais fragil, com que nos enriquece a natureza: Não sei se por estranha na terra, se por natural do Ceo. Sò sei que o mesmo foi conhecer Deos na filha do Principe do Libano, pela doçura das palavras o fino do entendimento: *Eloquium tuum dulce,* que tiralla do paço, para se desposar com ella no Ceo: *Veni de Libano;* dando-nos a entender, que as discrições mais applaudidas, são na duração menos seguras.

*Jonn. 21.
18.
Ibid. 21.*

Quando Christo descubrio a S. Pedro o martyrio, que havia de padecer: *Alius cinget te,* logo S. Pedro lhe perguntou pela morte, com que S. João havia de acabar: *Hic autem quid?* Pois Pedro, senão perguntais pela morte dos mais Apostolos, que cuidado vos dà a morte de Joã? Joã he o mais moço de todos: perguntai pela morte dos mais velhos. Isso não, diz S. Pedro: que ainda que Joã seja de menos annos, he Aguia no entendimento: & para a morte os mais entendidos são os primeiro lembrados: *Hic autem quid?*

*In Clemẽs
Alex.*

Dos

Dos ultimos filhos de Jacob foi Joseph : & como se remon-
tou aos mais no juiso, foi o primeiro destinado para a sepul-
tura : *Venite, occidamus eum.*

Genes. 27.
20.

Não sei, que contrariedade tem o juiso, & a vida, q̄ nem
tregoa consentem entre si, sempre andão em guerra conti-
nuã. Muitos cuidão, que para viver não ha cousa melhor, q̄
o entendimento : porèm o melhor entendimento julgou o
contrario. Conhecer muito, he principio para durar pouco :
Se Achitofel ignorara a politica de Absalam, elle não pere-
cèra taõ desgraçadamente.

Depois que Adão comeo do pomo da sciencia, logo o lan-
çou Deos do Paraiso, para que não tocasse na arvore da vi-
da : *Ejecit eum Dominus de Paradiso, ne mittat manum, &
sumat de ligno vite, & vivat in æternum.* Pois porque gos-
tou do pomo da sciencia, não ha de tocar na arvore da vida?
Não ; porque Adão gostou daquelle pomo para saber mais,
& saber mais, atè no juiso de Deos he durar menos : *Ne su-
mat, & vivat.* Adão com o juiso natural que Deos lhe deu,
havia de viver eternamente : quiz ter mais juiso comendo
o pomo da sciencia, & não só perdeu a eternidade da vida,
mas tambem incorreo em pena de morte : *In quocunque die
comederis, morte morieris.*

Genes. 3.
22.

He taõ forçosa esta proposiçã que vou provando, q̄ atè
no insensivel se conhece a força della. Só o nome de juiso
basta para inclinar à morte a quem nenhum juiso, nem sen-
tido tem, nem pòde ter. Diz a Escriitura sagrada, que o Rio
Jordão corre para o mar morto : *Descendit ad mare solitu-
dinis, quod nunc vocatur mare mortuum.* Notavel adverten-
cia da Escriitura ! Que importa, q̄ o Jordão corra para este,
ou aquelle mar ? He necessario que nos diga, que se precipita
no mar morto : *In mare mortuum ?* Si; que como este nome,
Jordão, significa juiso, he tal a força delle, que atè o insensí-
vel inclina para a sepultura : *Descendit ad mare mortuum.*
Não sei se esta ferà a causa, porque ao dia em que se ha de a-
cabar, & consumir tudo, se chama dia de juiso : porq̄ com
juiso nada dura.

Iosue 3.
16.

E se

E se do infensível passarmos ao immortal, havemos de achar semelhanças desta verdade. Fala S. João no Verbo Divino, & diz, que nelle está a vida; *In ipso vita erat.* Pois he necessario que nos diga o Evangelista, que a vida está no Verbo Divino? O Verbo não he Deos? Não he huma Pessoa Divina? Assi o cremos, & devemos crer todos. Pois se Deos he a mesma vida, porque nos diz S. João, que está a vida no Verbo: *In ipso vita erat?* Oh! Reparem, que ao Verbo se attribue o entendimento por virtude da sua processão: & como vida, & entendimento não se conservão, foi necessario a S. João dizer, que sendo o Verbo entendimento tinha consigo a vida: *In ipso vita erat.*

Hetão certo ser a vida contraria ao entendimento, que até em huma Pessoa Divina foi necessario a S. João dizer, que sendo entendida, estava vivendo: *In ipso vita erat.* Creemos por fé do Evangelho no Verbo a vida: porque fóra da fé, parece impossivel vida, & entendimento; por isso prégando Christo dizia sempre, que nelle estava a vida, & que a vida era elle mesmo: *Ego sum resurrectio, & vita: Ego sum via, veritas, & vita.*

Oh que grande desculpa tem para o nosso sentimento a morte presente! Porque se para cremos até no divino, vida, & entendimento, he necessario, que hum Evangelista o affirme: se o mesmo Deos estorvou no primeiro homem Saber, & durar: como era possivel q̄ na nossa Serenissima Princesa se vissem com amidade estes dous contrarios, durar, & saber?

Em muitas acções se conheceo na corte a discrição & juizo com que a natureza, & a arte a adornou. Porém o que admirou a todos, foi a prudencia, & raro talento, com que se houve depois que entrou no paço a Rainha nossa Senhora. Porque conservaremse duas grandesas com igual fortuna no mesmo palacio juntas, & conformes, ou he maravilha dos juisos, ou milagre da creação: *Admirabilis existimandum est, quod mulieribus duabus in eadem domo pari fortuna nullum certamen, nulla contentio est;* disse Plinio do palacio do

Emperador Trajano, aonde com igual majestade assistiaõ a Emperatriz, & a irmã do Emperador: entre as quaes o amor, o trato, a correspondencia eraõ tão admiraveis, q̃ sendo duas, crãõ hũa, & sendo diversas, não parecião duas. E a razão desta maravilha singular era a discriçãõ, & o juizo, com q̃ ambas se imitavãõ entre si, & cada qual imitava ao Emperador: donde nascia ter cada hũa os mesmos costumes, porq̃ ambas tinhãõ os de Trajano: *Te enim imitari, te subsequi student: ideo utraque eisdem mores, quia utraque tuos habet.*

Assi falou Plinio do palacio de Roma no tempo, em q̃ assistia nelle a Emperatriz, & a irmã de Trajano. Isto mesmo posso eu afirmar do palacio de Portugal, em quanto assistio nelle a Rainha nossa Senhora, & sua Alteza.

Porẽm essa mesma discriçãõ, esse mesmo entendimento, q̃ a fez admiravel no paço, a fez juntamente agradavel a Deos: *Eloquium tuum dulce*: por isso da Corte a chamou para se desposar com ella no Ceo: *Veni sponsa*; & para lhe pôr na cabeça a coroa, que mereceo na terra: *Coronaberis*.

Estes foraõ os tres dotes, ou as tres graças, com que a natureza enriqueceo a nossa soberana Princeza: nobresa, fermosura, & discriçãõ; & porque com ellas se fez tão agradavel ao Reino todo, por isso sem ella ficou todo o Reino tão sentido.

Porẽm as perfeições, as virtudes, & as prendas, q̃ adquirio nos annos, em q̃ viveo, não tiverãõ numero. Sem duvida, q̃ o primeiro dia do seu nascimento, & o ultimo de sua vida influiraõ nella as grandes singularidades, com q̃ resplandecco. E se fora possivel escolher cõpanhias para entrar, & para sahir do mûdo, ningũe escolhêra melhores: porq̃ para entrar na terra, não ha melhor cõpanhia q̃ a dos Reys, & para sahir della, não ha melhor sequito, q̃ o das virgẽs. Deste sequito, & desta companhia aprendeo a nossa Real Princeza as politicas, & virtudes, que a fiserãõ applaudida na Corte, & celebrada no Ceo.

Entre as prendas, foi singular na erudiçãõ das linguas: falava quatro da Europa: Portugueza, Castelhana, Franceza, & Italia-

Italiana com tanta perfeição, q̄ máis parecião naturaes, que adquiridas. Nas artes, com q̄ se crião as Princeſas, ſe eſmerou para as poder enſinar. Se a gravidade, o decoro, a mageſtade dominava a todos, o agrado, a benignidade, a clemencia a todos ſatisfaſia. Era em extremo compaſſiva dos q̄ via padecer em qualquer materia, ou da honra, ou da ſaude, ou da deſgraça. Oh eſpirito glorioſamente creado para os ſceptros, para as coroas, & para as mageſtades ! Animo, que ſe compadece do que ſe padecer, he animo generoſo, he animo real, he animo quaſi divino.

Genef. 49.
xc. Prognosficou Jacob ao ſeu quarto filho Judas a coroa, & o ſceptro do Reino de Israel: *Non auferetur ſceptrũ de Iuda.* E porque, ſendo Judas o quarto filho, ha de levar o Reino, q̄ ſe deve ao primogenito? A rafaõ he do Texto. Porq̄ nos males de Joſeph ſó Judas ſe compadeceo: *Quid nobis prodeſt, ſi occiderimus fratrem noſtrum?* E animo que ſe compadece do que ſe padecer, he animo creado para as coroas, para as mageſtades, & para os ſceptros: *Non auferetur ſceptrum de Juda.*

Genef. 37.
26.

Este foi o animo da noſſa generoſiſſima Princeſa, em tudo grande, em tudo ſoberano, em tudo quaſi divino, & por iſſo merecedor dos ſceptros, das coroas, & das mageſtades: não ſó pelo que herdou como filha, mas pelo que obrava como compaſſiva: *Sola Deos æquat clementia nobis.*

Se eſtas foraõ as qualidades reaes, que inſluhiõ a eſtrela dos Magos na noſſa Princeſa quando entrou no mundo, muito mais ſublimes foraõ as virtudes, que aprêdeo das Virgẽs, com que ſahio da terra. Dellas ſem duvida lhe naſceo o affecto, & particular inclinação, com que venerava as imagẽs da primeira Virgem, & mayor Senhora do Ceo, & da terra a Mãe de Deos. Entre todas as que visitava aos Sabbados, era a de Penha de França, da qual ſe deſpedio antes de expirar, mandando que a trouxeſſem ao paço, não para lhe pedir ſaude para a vida, mas para lhe recommendar lembranças para a eternidade.

Na caridade com os pobres era inſigne, principalmente na

na Semana santa: porque o exemplo de Christo Senhor nos-
so nos dar então até o sangue das suas veas, era o motivo,
com que com grande liberalidade abria os thesouros da sua
grandesa.

Eu não duvido que quem teve tanta mão para as esmo-
las, se veja agora à mão direita de Deos para o premio. Oh
como se achará abundante de riquezas no Ceo a nossa Prin-
cesa! Porque as esmolas, que na terra se dispendem, são
thesouros, que no Ceo se logirão. E como estes actos de ca-
ridade lhe nascião da benignidade, & brandura do coração,
atè com o irracional executava piedades. Poucos dias antes
de sua morte disse que desejava ver huma Aguia, porque
nunca a tinha visto. Huma Aguia desejou ver a nossa Prin-
cesa? E porque não qualquer outra Ave? A razão, que me
occorre, pòde ser a natural sympathy, que com ella tinha;
porque a Aguia he illustre, he fermosa, he entendida: enten-
dida, porque he Aguia: fermosa, porque se renova: illustre,
porque he Rainha das aves. Por isso pela semelhança das
propriedades lhe nasceo sem duvida o desejo das vistas: &
logo huma das senhoras, que estava presente, ou por mais
obrigada, ou por mais favorecida, ou por mais cuidadosa em
lhe fazer o gosto, a mandou vir de parte distante da Corte, &
lha appresentou, de que teve sua Alteza grande gosto: &
disse que a recolhesse outra vez, para que não padecesse, ou
perigasse no seu quarto, pelo estado em que se via. Oh sin-
gular benignidade! Oh discreta advertencia de hum animo
compassivo! Entre os louvores grandes, que dà o Profeta
Rey à providencia de Deos, he o cuidado, com que se lem-
bra das aves, para que não pereçam, nem lhes falte o susten-
to: *Qui dat escam pullis corvorum invocantibus eum.*

Justamente escolhi para assumpto as palavras: *Veni de
Libano, veni*; porque esta he a voz, com que ha de chamar
Deos para a sua Gloria os que na terra se empregaram em
piedades, & em clemencias: *Venite benedicti Patris mei.*

Porèm o que servio de esmalte, de adorno, de lusimento
a todas as virtudes, com que illustrou este gallardo espirito,

Neste tumulto nõs deixastes às vossas cinzas. Este foi o beneficio grande, que todos neste dia recebemos; porq̃ nellas, & nelle temos para as nossas lembranças o motivo, & para os nossos defenganos a causa. Nesse glorioso lugar, em que piedosamente vos cõtemplo, rogai a vosso Esposo, & Senhor nosso pelas vidas de suas Majestades, & Alteza q̃ Deos guarde; que saõ o nosso mayor cuidado, a nossa mayor felicidade, & a nossa mayor esperança. Rogai tambem por quem cõ tanta majestade, & grandesa levantou este lufido, & grandioso Mausoleo para monumento immortal das suas faudades. Lembrai-vos tambem de todos os que assistimos a estas vossas honras, cujas lagrymas saõ os melhores epitafios deste tumulto; cujos suspiros saõ os mais claros indicios da nossa dor: & pedi a Deos, que os sentimentos da vossa morte sejão infalliveis defenganos da nossa vida. E em virtude de todos vos prometto, que nas nossas memorias viverà eternamente entalhado o vosso nome, as vossas virtudes, & os vossos louvores: *Semper bonos, nomenque tuum, laudesque manebunt.* E por todos repetirei com mayor rafaõ que Ta-

Virgil.

Tacito in
vita Agri-
colæ.

cito, o que elle disia do seu Agricola: *Quidquid amavimus, quidquid mirati sumus, manet, æternumq̃ manebit in animis hominum, in æternitate temporum.*

LAUS DEO.

